

---

**Diferentes tempos e espaços da contação de histórias**

*Different times and spaces of storytelling*

Rosemary Lapa de Oliveira  
**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**  
Mary de Andrade Arapiraca  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**  
Salvador- Bahia-Brasil

**Resumo**

Este texto apresenta o resultado de estágio pós-doutoral, desenvolvido na forma de curso de extensão, e buscou aprofundar estudos sobre a prática de contar história na perspectiva da formação continuada de sujeitos envolvidos na educação de crianças, jovens, adultos ou idosos em espaços educativos formais e informais. O principal objetivo do estudo-pesquisa e formação foi contribuir para as discussões levantadas sobre a tradicionalidade discursiva que ancora a contação de histórias. Para isso, foi realizada uma pesquisa colaborativa, na qual foram produzidos conhecimentos para o desenvolvimento profissional em dez encontros no formato de ciclos de estudos reflexivos e dialogados sobre a arte de contar histórias. Ao final dos encontros, cinquenta pessoas entre professores, psicólogos e agentes culturais apresentaram suas *performances* na contação de histórias.

**Palavras-chave:** Formação docente; leitura; literatura; contação de histórias.

**Abstract**

This text presents the result of a post-doctoral internship, developed in the form of an extension course, and sought to deepen the studies of the practice of storytelling in the perspective of the continuing education of subjects involved in the education of children, young people, adults, or elderly people in formal and informal educational spaces. The main objective of the study-research-training was to contribute to the discussions raised about the discursive traditionality that anchors storytelling. For this, collaborative research was conducted, in which knowledge was developed for professional development in ten meetings in the format of reflective and dialogued study cycles on the art of storytelling. At the end of the meetings, fifty people, including teachers, psychologists, and cultural agents, presented their performances in storytelling with the subjects of education with whom they interact.

**Keywords:** Teacher training; reading; literature; storytelling

## ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias*** **Primeiras palavras**

Aqui são apresentados resultados de pesquisa desenvolvida em estágio pós-doutoral, no formato de curso de extensão, intitulado “Diálogos entre contar histórias e docência”, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED, UFBA), através do Programa de Pós-Graduação em Educação. Cabe esclarecer que essa ação foi desenvolvida no ano de 2018, portanto antes da pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, que causou a doença Covid 19, sendo, portanto, uma atividade inteiramente presencial, com participação de mais de cinquenta pessoas num mesmo espaço.

O principal objetivo do estudo-pesquisa e formação foi o de contribuir para as discussões levantadas sobre a tradicionalidade discursiva que ancora a contação de histórias. Outro objetivo foi provocar ações no campo da oralidade, apresentando a contação de histórias como centro da ação docente, visando ao enleituramento. Para alcançar esses objetivos, desenvolvemos pesquisa colaborativa, com ciclos de estudos reflexivos e diálogos sobre a arte de contar histórias. Os sujeitos chamados para a pesquisa foram as pessoas inscritas no curso de extensão gratuito, os quais foram esclarecidos sobre os objetivos do curso e assinaram termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), tendo respeitado seu desejo de colaboração ou não, o que não implicou a permanência no curso. Os encontros foram tratados como pesquisa de campo, e as informações produzidas foram analisadas à luz do referencial teórico trazido ao debate.

Fazer uma pesquisa tão subjetiva como essa, objetivando contribuir para as discussões levantadas sobre o papel da contação de histórias na formação cidadã, não poderia ser feita senão ao lado dos sujeitos de pesquisa, respeitando-os em seus etnométodos, ouvindo-os com escuta sensível, considerando seus saberes. Mas fazer tal pesquisa encontra, aí mesmo, sua principal barreira: alcançar a colaboração dos sujeitos de pesquisa. Ainda mais quando o objetivo é transformar uma realidade.

Considerando que somente com a pesquisa colaborativa, de acordo com Desgagné (1998, Apud IBIAPINA, 2008), articulamos projetos em que o interesse de investigação se baseia na compreensão que as pessoas envolvidas – nesse caso, os cursistas interessados no curso de extensão sobre contação de histórias –, em interação com o pesquisador, constroem a partir dos diálogos mediados durante o curso, contexto real da pesquisa, decidimos por mediar um curso de formação para a contação de histórias. Assim, ensina esse autor, uma pesquisa colaborativa só se desenvolve por meio de articulações e relações bem negociadas

entre pesquisadores, partícipes e instituições escolares e universitárias (IBIAPINA, 2008). Nessas relações, as preocupações dos pesquisadores se aproximam das preocupações dos professores partícipes e se instaura um desafio colaborativo de pesquisa e de construção de uma nova realidade de práxis.

Os recursos de produção de informações para o desenvolvimento da pesquisa foram, materializados através da escuta sensível, com a promoção de encontros expo-dialogados, nos quais a centralidade estava na prática da contação de histórias, fazendo-se sempre um movimento da teoria para a prática, no formato de oficinas. Tais oficinas intentavam desenvolver habilidades de corpo e voz, estudando-se a ancestralidade e a atualidade da oralidade na contação de histórias, no sentido de ampliar o repertório de modalidades de contação a serem desenvolvidas em ações docentes em espaços formais e informais. Fomentou-se o uso de uma diversidade de textos, focando na cultura local relativa aos textos da tradição oral e a produção de textos autorais lúdicos a serem incorporados ao repertório das histórias contadas, produzidos pelas pessoas partícipes do curso. Além disso, incentivamos a produção de escrita memorialística individual e em grupo, através de escrita solidária de relatórios sobre os encontros, focando a trajetória de cada um com a contação de histórias.

Assim, fomentamos a sensibilização de docentes, estudantes de licenciatura, pós-graduandos e demais profissionais da educação para o fato de que o ensino através do lúdico, promovido pela contação de histórias, provoca aprendizagens bem mais significativas, além de exercer o papel precípua da educação: a formação cidadã. Ao mediar os diálogos com os textos, os docentes ampliam o conhecimento de mundo de discentes e o seu próprio, na troca que se estabelece, possibilitando leituras de mundo que não se reduzam a dicotomias e preconceções.

A pesquisa realizada buscou aprofundamento nos estudos sobre a psicanálise da leitura e da escrita, principalmente com Bettelheim (2002) e Sunderland (2005), da pedagogia, principalmente com Freire (1988) e da literatura infantil, principalmente com Coelho (2000), além de ancoragem teórica referente ao contar histórias com Sisto (2015) e Coelho (1999). Assim, o objeto da pesquisa foi a contação de histórias na educação formal ou informal, buscando responder à pergunta de pesquisa: qual o papel da formação para o

### ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias***

contar histórias na ampliação da experiência da oralidade em ambientes educativos formais e informais?

#### **Comunidade argumentativa**

As histórias fazem parte da constituição humana desde tempos imemoriais e deixam vestígios captados por antropólogos, antropolinguistas e arqueólogos. Cabe ressaltar o que nos lembra Auster (Apud ANDRUETTO, 2012): a arte é um método de conhecimento, uma forma de penetrar o mundo e nele encontrar o lugar que nos corresponde.

Reconhecendo que há muitas formas de dizer e muitas formas de interagir com o mundo, entendemos ser necessário marcar algumas definições com as quais dialogamos neste texto. Assim, assumimos que literatura, conforme defendem vários autores, aqui representados por Coelho (2000, p. 24. Grifos da autora) [...] é um autêntico e complexo *exercício de vida*, que se realiza *com e na* Linguagem [...] Espaço de convergência do mundo exterior e do mundo interior.

Dessa forma, fica evidente que não se trata de encarar a literatura do ponto de vista dos estudos literários da tradição da crítica ou dos estudos formais da teoria literária, mas assumir que a literatura circula em meios culturais diversos, concordando com Candido (2011, p. 176) que a literatura pode ser entendida como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático”. Sendo assim, entram na categoria literatura as histórias em quadrinhos, os contos fantásticos, os contos de fadas, as quadrinhas, os trava línguas, os contos de acumulação e de repetição e os causos, bem como as canções de ninar, os contos orais, passados de geração em geração ou os cordéis, canções de vários ritmos, que são a poesia moderna. Todos esses gêneros, como narrativas ficcionais fazem parte da categoria literatura, visto que o leitor ou ouvinte pode se envolver na narrativa, como sugere Andruetto (2012, p. 54): “... uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros”. Dessa forma, textos ficcionais ou de literatura assumem a mesma definição e têm por característica nos fazer refletir sobre nós mesmos e desfrutar de alívios por identificação com características e experiências dos personagens envolvidos nas tramas, o que nos leva a refletir criticamente sobre nossas próprias ações.

Nessa mesma perspectiva, Candido (2011) defende que a literatura tem uma função humanizadora, porque, assim como o sonho traz o equilíbrio psíquico, ela traz o equilíbrio social, pois as narrativas ficcionais mostram situações de conflitos que nos ajudam a pensar sobre nossas emoções e nossa realidade com uma linguagem que pertence ao mundo da

imaginação e da fantasia, como esclarece Sunderland (2005), apresentando possibilidades de alívio de sofrimentos interiores, além de reconhecer caminhos para lidar com os infortúnios. Abramovich (1997) nos lembra que a literatura, como uma aprendizagem estética, permite, através das histórias lidas ou contadas, que a criança possa se firmar em um mundo que é particular e criado por ela. Assim, a criança pode desfrutar das mais diversas culturas, regiões, emoções e dramas proporcionados pela literatura, assim pensada de forma mais ampla.

Ainda com base nos estudos de Coelho (2000, p. 27), a literatura é vista como arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, que funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível ou impossível realização. Constituindo uma linguagem específica, como outras linguagens, a literatura expressa uma experiência humana que não pode ser definida com exatidão. A literatura é complexa, fascinante, misteriosa e essencial, tanto quanto a condição humana dos sujeitos.

Segundo Bettelheim (2002), a escola precisa promover a capacidade de encontrar sentido na vida ou dotar a vida, em geral, de mais significados. Com respeito a essa tarefa, ressalta esse autor, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam das crianças e jovens. Em segundo lugar, vem nossa herança cultural, quando transmitida da maneira correta. Para ele, é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação.

De acordo com Souza (2010, p. 9), "... a literatura é antes de tudo engenharia de palavras. É por meio da palavra oral ou escrita que ela se realiza". Segundo Lajolo (2000), é uma ferramenta que auxilia no processo de ensino-aprendizagem, pois apresenta um caráter pedagógico, no sentido apresentado por Bettelheim (2002), como vimos acima. Constitui um componente interdisciplinar transversal e cultural, por exercer a função de agente de transformação, uma vez que contribui para a formação intelectual e sociocultural cidadã, provocando inúmeras emoções e sensações, dando prazer e divertindo, bem como fazendo com que o sujeito se transforme em leitor capaz de ver o mundo em mais de uma perspectiva.

Dessa forma, a literatura contribui efetivamente para o letramento, que Soares (2004, p. 44) define como "estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com os diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida". Ainda segundo essa autora, a leitura frequente de histórias, aqui acrescento a contação, é, sem dúvida, a principal e indispensável atividade de letramento e alfabetização em qualquer tempo de aprendizagem,

### ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias***

conduzindo a conhecimentos e habilidades fundamentais para a plena inserção no mundo da leitura.

Certamente que aqui não se está falando da leitura estritamente da palavra escrita, leitura de decodificação do código linguístico, como se convencionou reduzir o significado de ler. A leitura aqui referida é a leitura freiriana, leitura de mundo, leitura do mundo, leitura no mundo, leitura das gentes e suas culturas, da natureza e de seus textos, leitura do olhar, do sentimento, da vestimenta e do dizer. A leitura de ser e estar no mundo (FREIRE, 1988).

Essa leitura, quando se permite ser crítica, segundo Oliveira (2019), redonda no enleituramento. Segundo ainda Oliveira (2019, p. 80), esse termo dá conta da capacidade humana de se tornar leitor, tendo na leitura uma ação que é contínua e ampliada a cada contato com o contexto pessoal e com a materialidade do discurso (escrito, oral, imagético, gestual etc.) com o qual quem lê interage. O enleituramento pertence exclusivamente, até onde conhecemos sobre os animais, à espécie humana, classificada como *sapiens*, por outros como *ludus*, mas que é efetivamente e acima desses outros, *narradores*, uma vez que, por palavras faladas, ou escritas, ou desenhadas, ou gesticuladas produz literatura.

A contação de histórias, como experiência estética literária, condensada no termo “narrativas orais”, é vista por Busatto (2007, p. 13) “como um ato social e coletivo que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva”. E, nessa mistura entre o aconchego do olhar, da voz modulada, do mote girando sempre em torno de sentimentos e sensações e a racionalidade na produção da trama textual com coesão e coerência, tanto contador quanto ouvinte vai pensando e repensando sua condição de humanidade. Afinal, essa ação artístico-pedagógica e terapêutica, que é a contação de histórias, nos mantém conectados com forças que podem ter sido esquecidas, sabedorias que podem ter esmaecido ou, até mesmo, desaparecido e esperanças que caíram na obscuridade. Daí sua grande importância não só estética e literária, mas terapêutica, o que é evidenciado por Sunderland (2005, p. 32), ao abordar o papel terapêutico da contação de histórias para a criança, mas não só para essa específica faixa etária, ao dizer que: “À medida que caminha com o personagem na história, a criança não se sente mais sozinha com seus problemas e com seus sentimentos difíceis ou dolorosos demais porque o personagem do livro vive a mesma situação.”.

Assim, a contação de histórias dá conta das questões da arte e da estética, além de permitir, conforme defende Coelho (1999, p. 12), a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis ao acenar com a esperança. Além disso, conforme nos lembra

Bedran (2012, p. 25), a criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora, ao mesmo tempo em que tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca e, portanto, exercer sua cidadania.

Assim, delimitadas as categorias fulcrais nesta pesquisa, é nessa perspectiva e nesses termos que o curso de extensão proposto como intervenção para o desenvolvimento de uma pesquisa colaborativa se apresenta, visando um público de profissionais que trabalham em ambientes educativos formais e informais.

### **O curso de extensão**

A extensão universitária está prevista na Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015, do Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno (BRASIL, 2015), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Em seu Capítulo VI, que trata da Formação Continuada dos Profissionais do Magistério, no primeiro parágrafo, orienta: “Em consonância com a legislação, a formação continuada envolve: II – atividades ou cursos de extensão, oferecidos por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto de extensão aprovado pela instituição de educação superior formadora”. Atendendo a essa orientação, o curso foi aberto à comunidade, acolhendo-se todos quanto pretenderam participar, no limite de 50 participantes.

O curso foi idealizado como um exercício pedagógico, visando à formação para a práxis em espaços formais e informais, tendo como fio condutor a literatura na forma de contação de histórias e sua tradição oral. A ação lúdica e interdisciplinar focou-se na mediação do sujeito leitor em seu processo de enleituramento.

O plano de curso foi elaborado de modo a cumprir os objetivos de pesquisa e foi sendo redimensionado conforme as vivências que iam se sucedendo durante o curso, conforme prevê uma pesquisa colaborativa. A ementa previa a prática de contar história em espaços educativos formais e informais. Discussões foram levantadas acerca do papel da oralidade na formação da subjetividade e sobre recursos de contação de histórias, como disparadores e centro da ação docente, concernentes à oralidade, notadamente à poética oral tradicional. Foram abordados ainda os distintos processos de ler e de contar histórias, bem como a necessidade da formação para a contação de histórias.

### ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias***

Os objetivos foram compreender as possibilidades de usos das narrativas orais tradicionais em sala de aula, como constituição de subjetividades e de fortalecimento de vínculos entre quem conta e quem ouve, além da mediação para a constituição de leitores não só da palavra escrita, mas, também, da palavra oral. E ainda possibilitar aos participantes a pesquisa e a descoberta do estilo pessoal na arte de contar histórias.

Logo no primeiro encontro, firmamos alguns acordos. Em toda aula haveria um momento de acordar o corpo, traduzido ordinariamente em exercícios de alongamento do corpo e de exercícios de voz, além de exercícios de ouvir. Introduzimos também o exercício do olhar, que consiste em caminhar pela sala uns olhando os outros e procurando acolher com o olhar, pois, “Na África acreditamos que o pior mal é a ignorância. Isto é, não saber o que se passa com os outros. Temos provérbios que nos ensinam a não nos perdermos no olhar dos outros. Olhar, olhar bem para nos encontrarmos no olhar do outro.” (KOUYATÉ, 2004, p. 75)

Também ficou previsto um encontro a ser realizado numa escola pública, mantida pela prefeitura e que atende a crianças do quarto ao quinto ano. Nessa visita, foi aberto espaço para a prática da contação de histórias para as crianças.

A seguir, serão apresentados os encontros como ocorreram em cada semana, na forma de relatório em primeira pessoa do plural, descrevendo cada um dos dez encontros.

O primeiro encontro teve o objetivo de apresentação da proposta do curso, com esclarecimento ao grupo sobre o teor das aulas e chamada à colaboração das pessoas inscritas, no sentido de desenvolvermos uma pesquisa colaborativa. Esclarecemos sobre a pesquisa e sobre a participação de todos. Fizemos a leitura do plano de curso, fazendo esclarecimentos sobre cada ação que seria desenvolvida e ajustes, conforme participação de todas as pessoas presentes. Então, finalmente, iniciamos a aula com exercícios de acordar o corpo com alongamentos (exercícios simples de consciência corporal). Depois fizemos uma dinâmica de apresentação, na qual as pessoas foram levadas a andar pela sala, olhando nos olhos umas das outras e se apresentando, num exercício de ouvir, no sentido dado por Petit (2018, p. 68): “No entanto, um verdadeiro encontro não acontece a não ser pela escuta. Por isso escutar, não é ouvir com o ouvido, mas é ser sensível ao outro...”.

Lemos o livro *Quem sou eu* (RODARI, 2005). Após a leitura, perguntamos se o que acabara de fazer tinha sido leitura ou contação de história. Então, aproveitamos para esclarecer sobre as diferenças e semelhanças entre o que é um leitor e um contador de



histórias, de narrativas. Traçamos um paralelo entre quem lê, de modo performático, e quem conta uma história, também de modo performático, acionando as orientações contidas nos ensinamentos de Coelho (1999). Assim, firmamos nosso caminho de curso na poética oral.

Para dar início aos estudos da contação de histórias, contamos a história “Os comedores de palavras” (PEREIRA; ROCHA, 2003). Ao final, inspirado pela história, o diálogo girou em torno da formação para a contação de histórias, da importância de ouvir, de estar atento ao diferente, pois “o griot é também um buscador, um viajante que está sempre à disposição de novos encontros com outras tradições que alimentem o seu ‘saco de palavras’, pois é através delas que sua ação no mundo dos homens é exercida” (BERNAT, 2013, p. 111). E, continua esse autor: “o estrangeiro é considerado uma importante fonte de conhecimentos que desperta muito interesse.” (BERNAT, 2013, p. 147). Ressaltamos a importância de ouvir histórias, conforme o protagonista da história e como o viajante, na cultura africana, é visto como um amplificador de conhecimentos.

No segundo encontro, além dos exercícios de acordar o corpo, acrescentamos a dinâmica do olhar, incentivando todos a caminharem pela sala e olhar nos olhos do colega, como se estivessem fazendo carinho, acolhendo com o olhar. Então, lemos a história de Guilherme Augusto de Araújo Fernandes (FOX, 1995), para ativar a memória, pois nosso encaminhamento era de buscar as memórias esquecidas de audição de histórias de cursistas. Então, de uma caixa que estava em cima da mesa, fomos tirando objetos que reavivavam nossas memórias de constituição de contadores de histórias.

A memória de quem conta história é que fomenta sua identidade única e irrepetível, tal qual suas digitais. Assim, aproveitamos para falar sobre a *performance* e a identidade de quem conta histórias, criando uma forma própria de desenvolver sua poética oral.

No encontro seguinte, trouxemos discussões teóricas sobre a palavra da contação de histórias, ressaltando questões do campo da tradição africana e indígena. Assim, primeiramente apresentamos um texto de Hampatê Bá (2010, p. 40), o qual discorre sobre a importância da tradição oral passada de geração em geração: “... o discurso da tradição [...] é revelador do conjunto de usos e valores que animam um povo e que condicionam seus atos futuros pela representação dos arquétipos do passado”. Depois, discutimos, com Munduruku (2015, p. 116), que o “... contador de histórias tradicionais é aquele que acredita naquilo que

### ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias***

conta e não simplesmente alguém que decora uma história. Ou seja, isso faz parte dele”. Essas discussões ajudaram cada um a elaborar a sua própria identidade de contação.

Depois, fizemos uma sessão de contação de histórias. Contamos histórias e ouvimos histórias e iniciamos a dinâmica da palavra. Uma atividade que consiste em escolha (dentre os disponibilizados) de um substantivo ligado às narrativas tradicionais – criança, lobo, bruxa, casa, estrada etc. – e de um sentimento – alegria, tristeza etc. Cada pessoa pegou um par e deveria falar o substantivo, expressando o sentimento. Demos um tempo para que ensaiassem e, depois, conforme se disponibilizassem, iam fazendo o exercício. Se alguém tinha dificuldade, auxiliávamos. O exercício servia para ajudar a pensar sobre os sentimentos envolvidos no ato de contar histórias, pois, afinal, três coisas são fundamentais para o contador: o corpo, o olhar e a palavra. O contador de histórias precisa expressar verdade no que conta, viver a história. Chamamos a atenção para o fato de que o contador deve vivenciar a história enquanto conta, e, assim, precisa ter experienciado aqueles sentimentos expressos nas histórias. Lembramos que Munduruku (2015) ressalta que um bom contador de histórias já deve ter vivido bastante para ter a lembrança de suas vivências. Mas essas vivências de situação, ou sensação, ou sentimento podem ser adquiridas de duas formas: vivê-los na pele ou na leitura.

No quarto encontro, o corpo tomou centralidade, a expressão corporal: gestual e do rosto, além de corpo e postura. O exercício de acordar o corpo foi com a brincadeira do “seu mestre mandou” (imitação de gestos) e a história do Tangolomango (BEDRAN, 2018). Ressaltamos que mesmo parados, sentados, usamos o corpo todo para contar histórias. O contador empresta o corpo para que a história aconteça. Então, discutimos o capítulo 9 de Sisto (2015, p. 101), o qual trata da importância do corpo na contação de histórias.

Depois das discussões, fizemos a proposta da dinâmica do espelho: um exercício que consiste em pensar em gestos, expressões corporais e faciais durante a contação. Para tanto, disponibilizamos vários livros e pedimos que escolhessem um (ou deixassem que o livro os escolhesse). Então, sentadas em duplas, deveriam contar (não ler) a história para seu par, que seria seu espelho e diria em que a pessoa deveria melhorar sua postura ao contar e, depois, vice-versa. Em seguida, deveriam escolher uma a ser contada para toda a turma. A cada apresentação no grupão, fomos fazendo mediações quanto à forma de contar: o cuidado com a projeção vocal, o olhar a todos, o cuidado com o uso de acessórios (evitar excessos) o uso de bonecos, fantoches e dedoches e de vozes diferenciadas. Tudo isso é opcional, pois o mais

importante é a história contada. Porém, se houver opção pelo uso, ele deve ocorrer com muita segurança e completamente relacionado e integrado à história. Importante é cada um achar seu caminho de contar.

O quinto encontro foi todo dedicado à voz. Começamos contando a história da Princesa da Chuva (SOARES, 2015), usando o pau de chuva. Falamos da importância dos sons e do acompanhamento dos instrumentos musicais nas histórias. Então, iniciamos com exercícios de aquecimento e afinação da voz e uso do aparelho fonador. Além de exercícios de dicção, que foram realizados com um lápis entre os lábios, enquanto falavam versinhos (COLASANTI, 2010) distribuídos por durante a dinâmica.

O sexto encontro foi iniciado com a distribuição de dobradura com um trecho do livro no qual Ítalo Calvino relata um texto de Boccaccio sobre um mau narrador (In: BEDRAN, 2012, p. 89-99). Então, desafiamos para que contassem uma história conhecida, que redundou em ser a dos três porquinhos. Algumas pessoas se dispuseram a contar: uma contou a história trazendo para a realidade atual; outra contou de modo tradicional; a outra contou uma versão sob o ponto de vista do lobo mau. Então, ressaltamos a importância de manter a tradição discursiva por seu valor terapêutico, além do estético, pois, apesar de ser contada de formas diferentes, os elementos se mantinham os mesmos. Aproveitamos para levantar reflexões sobre a estrutura da narrativa a partir do ponto de vista de Coelho (1999, p. 21-23). Então, falamos sobre os arquétipos, na perspectiva junguiana (JUNG, 2000), presentes na literatura.

No encontro seguinte, retomamos a discussão sobre os arquétipos literários com base em Jung e propomos a construção coletiva de uma história que seria contada pelo grupo. As pessoas presentes se reuniram em grupos aleatórios, considerando proximidade, e cada grupo escolheu uma caixa na qual havia alguns elementos bastante diversificados. Cada componente do grupo deveria escolher um dos elementos e construir sua participação na história em conjunto com os demais. A história precisava ser construída por todos e contada por todos.

Os elementos dentro da caixa poderiam ser considerados dentro de sua realidade física ou funcional, ou serem considerado em sua semiose, dentro da criação imaginativa de cada um. A abertura da caixa suscitou muitos risos, muitas fotos, muitos diálogos. Ao que pareceu, houve muita diversão nesse processo. Procuramos intervir o mínimo, apenas quando era solicitado. Os grupos produziram e apresentaram suas histórias.

### ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias***

No oitavo encontro, iniciamos falando sobre a pesquisa desenvolvida por Gislayne Avelar de Matos: *Caderno de Contos para as fases da vida* (no prelo). Depois, contamos a história “As Pérolas de Cadija” (SANTOS, 2005, p. 3-8), uma história que lembra muito a de Cinderela. Então, levantamos reflexões sobre a produção de histórias que partem sempre de vivências reais ou literárias. Isso para estimular a escrita. Também levantamos reflexões sobre a estrutura básica da narrativa.

Depois dessas reflexões, apresentamos 53 caixas preparadas para aquele encontro. Nas caixas, havia elementos que deveriam se transformar em histórias literárias individuais. Cada um deveria se levantar e pegar uma caixa, escolhendo-a apenas pelo olhar, sem ver o que havia dentro ou balançá-la, ou tocá-la. A história deveria ser construída com os elementos presentes na caixa, inclusive a caixa poderia ser um dos elementos da história. Instruímos para que deixassem que a história fluísse naturalmente e que não pensassem em apontar algum ensinamento: apenas que contassem uma história. Quem terminava ia contando sua história e ia estimulando os outros a terminarem.

O nono encontro aconteceu em escolas, hospitais, instituições em que já estavam acostumados a contar histórias (foram tempos pré-pandêmicos) e lá contaram as histórias que produziram na semana anterior e que prepararam para aquele momento. Todos e todas os cursistas foram orientados a gravar o momento de contação de histórias e trazerem para apreciação do grupo.

No último encontro, retomamos aprendizagens, discutimos as tradições orais, o respeito ao teor estético e linguístico do texto oral e finalizamos o encontro com muita emoção pelos momentos de aprendizagens mútuas. Durante todo o curso, as propostas apresentadas eram repensadas no início e no desenvolvimento das atividades, de modo que as construções eram conjuntas.

### **Últimas palavras... por enquanto...**

A escolha do tema já foi apresentada anteriormente neste texto e, a julgar pela procura volumosa de cursistas, ainda é um tema que precisa ser mais estudado e desenvolvido em oficinas e cursos no intuito de formação de profissionais da educação para a contação de histórias. A ideia original do projeto era acolher por volta de trinta colaboradores. No entanto, o interesse das pessoas que compareceram ao primeiro dia e até o terceiro dia foram decisivas para a dilatação dessa expectativa, e concluímos o curso com cinquenta contadores de histórias certificados, a maioria profissionais da educação.

Mas não foi tão fácil conseguir o engajamento por processo volitivo, conforme defendem os teóricos da pesquisa colaborativa, conforme apontaram os resultados mostrados anteriormente. A reflexão e a colaboração são conceitos básicos da pesquisa colaborativa e constituem-se em caminhos para uma formação continuada, pautada em necessidades reais, em motivações concretas, produzindo conhecimentos na positiva relação entre teoria e prática. Isso porque, como afirma Ibiapina (2008, p. 237), "A pesquisa, a colaboração e a reflexão fazem parte de esforços amplos para transformar o ensino, a aprendizagem, a universidade e a própria sociedade", pois associa, ao mesmo tempo, atividades de produção do conhecimento e de desenvolvimento profissional, contribuindo para o processo de formação continuada dos profissionais e do desenvolvimento do conhecimento sobre o assunto estudado. Nesse caso, a contação de histórias como contribuição na formação cidadã de crianças, uma vez que, ao conceber a realidade estudada como meu objeto de investigação, a pesquisa propiciou a aproximação necessária entre a universidade e espaços educativos formais e informais, entre a teoria e a prática, construindo conhecimentos com base em contextos reais, descrevendo, explicando e intervindo na realidade, o que possibilitou produzir uma intervenção nessa realidade de forma coerente e significativa.

Isso se dá na instauração de um processo produtivo de reflexão, de indagação e teorização sobre as práticas profissionais, no caso em questão, as de educadores de espaços formais e informais, fomentando diálogo entre as teorias que guiam suas práticas. Foi uma pesquisa feita com os sujeitos da pesquisa, no sentido de considerar seus saberes empíricos e teórico-práticos. Tais conhecimentos, no que concerne à contação de histórias, ainda mais se fazem necessários e primordiais à prática da contação, para que ela se torne espaço de autoconhecimento e de empoderamento dos modos como entendem seus papéis profissionais com base em experiências de formação e de ação da prática.

Ao longo dos encontros, a ação de contar histórias foi se ampliando, e as mudanças foram perceptíveis através dos relatos fomentados em cada encontro, com os resultados de alteração nas práticas de contação de histórias. Esses relatos e as ações mediadas nos encontros revelaram profissionais que revisitaram criticamente sua práxis, dando mais atenção ao que dizem as pessoas que escutam histórias sobre a poética oral, valorizando os

### ***Diferentes tempos e espaços da contação de histórias***

conhecimentos de mundo de quem aprende e construindo juntos o caminho da aprendizagem.

A partir do curso, foram criados grupos de contação de histórias entre os cursistas. Esse fato, aliado à avaliação oral realizada ao final do curso, nos dá notícias de que esta pesquisa contribuiu muito para o desenvolvimento das discussões sobre contar histórias no diálogo com a docência. Além disso, foi organizado e publicado um livro com os textos produzidos pelas pessoas que participaram do curso, cujo título foi: *Contar histórias em espaços formais e informais de aprendizagem*.

Este texto apresentou discussões teórico-práticas baseadas em estudo de pós-doutoramento ocorrido em 2018, portanto antes da pandemia, no qual foi desenvolvida pesquisa colaborativa no sentido de estudar uma tradição discursiva que há muito faz parte da humanidade, que a cultura eurocentrada quase apagou dos registros históricos e que volta na atualidade no reboque de diversas discussões sócio-históricas sobre cultura, identidade e etnia. A contação de histórias, embora seja diversa, existe em todas as culturas deste planeta, com similaridades e tradições que envolvem questões linguísticas da oralidade e da literatura oral, noções que precisam ser discutidas sob pontos de vista multidisciplinares. Aqui focamos em apresentar possibilidades de resgate dessa arte milenar e levá-la, de forma intencional, aos processos de mediação de aprendizagens, seja em espaços formais ou informais de interação.

### **Referências**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

BEDRAN, Bia. **Tangolomango**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0b4OoV13GSo> Acesso em 30 set 2018

BERNAT, Isaac Garson. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16 Ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 2002

BRASIL, Ministério Da Educação Conselho Nacional De Educação Conselho Pleno. **Resolução**

nº 2, de 1º de julho de 2015. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file> Acesso em 30 set 2018

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul: 2011

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1999

COELHO, Nely Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

COLASSANTI, Marina. **Classificados e nem tanto**. Rio de Janeiro: Editora Galerinha Record, 2010

FOX, Men. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Ilustradora: Julie Vivas. São Paulo: Brinque-Book, 1995

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

HAMPATÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: **História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África**. P. 167-212. Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010. Acesso: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes De Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

KOUYATÉ, Sotigui. Sotigui Kouyaté em foco. **Folhetim**. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto. Janeiro-Junho de 2004, nº 19

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. Contar histórias e tradição indígena. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs). **Contar histórias: uns passarões e outros passarinho**. Joinville-SC: Editora Univille, 2015

OLIVEIRA, Rosemary Lapa. **Pedagogia da Rebeldia e o Enleituramento**. Curitiba: Appris, 2019

PEREIRA, Edmilson de Almeida; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Os comedores de palavras**. São Paulo: Editora Mazza, 2003.

PETIT, Sandra Haydée. Sonho de uma conversa de quintal: valores comunitários do Griot Sotigui Kouyaté para a formulação de um projeto pedagógico. In: RIBARD, Franck (org.).

### *Diferentes tempos e espaços da contação de histórias*

**Palavras e imagens de um encontro em torno do cinema Africano** [livro eletrônico].

Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura/Pós-graduação em História - UFC, 2018.

RODARI, Gianni. **Quem sou eu?**. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Gosto de África**: histórias de lá e daqui. Ilustrações Cláudia Scatamacchia. 4 ed. São Paulo: Global, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2015.

SOARES, Luísa Ducla. **A princesa da Chuva**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2015

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** n.25. Rio de Janeiro Jan./Apr. 2004.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola**: a leitura em sala de aula. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias para crianças, pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005.

#### **Sobre as autoras**

##### **Rosemary Lapa de Oliveira**

Doutora e pós-doutora em educação, mestre em letras e linguística, especialista em Gramática e texto e em Psicanálise, graduada em Letras Vernáculas com inglês. Professora titular do curso de Pedagogia, professora credenciada na Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC). Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de histórias (GPELCH). Contadora de Histórias. **e-mail:** [rloliveira@uneb.br](mailto:rloliveira@uneb.br) **e orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1165-8265>

##### **Mary de Andrade Arapiraca**

Doutora e Mestre em Educação, com Especialização em Aquisição e Ensino da Língua Materna. Professora Titular da Faculdade de educação da Universidade Federal da Bahia, atuando no ensino de graduação – nas disciplinas *Alfabetização e Letramento*, *Polêmicas contemporâneas*, *Oficina de contação de história* – e da pós-graduação – *O Texto e as Práticas Pedagógicas*, *Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica*, *Sobre o Riso no Currículo* e *Projeto de Tese*. Vice coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em educação e Linguagem GELING. e-mail: [marya@ufba.br](mailto:marya@ufba.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9721-5988>

Recebido em: 27/06/2022

Aceito para publicação em: 27/07/2022